

# Relato de expedição através dos rios da Amazônia

No dia 9 de julho, Evaristo Eduardo de Miranda, do Núcleo de Monitoramento Ambiental, MA-Embrapa, propõe que eu participe de uma expedição ao Norte da bacia hidrográfica do rio Negro. O objetivo era proceder a um zoneamento ecológico e a uma avaliação do contexto sócio-econômico de uma região — teste, de cerca de 15 mil quilômetros quadrados, para propor um manejo racional e harmonioso destes territórios, ainda preservados de uma ocupação humana agressiva.

Para um ecobotânico, habituado a frequentar os desertos africanos, a tentação foi grande de confrontar a pesquisa ecológica em meio à luxúriavegetal amazônica: dualidade de mundos, onde o déficit hídrico crônico cede lugar à hiperumidade.

No dia 15 de agosto começamos com a fotointerpretação das imagens de satélite da área de estudo. A área se revela complexa. As imagens deixam entrever um



mosaico estruturado de, pelo menos, umas 20 unidades fisiográficas, cujos limites parecem evidentes, mas cuja identidade resta, às vezes, fortemente enigmática.

No dia 18 de agosto, a equipe está pronta, em Barcelos. A tarefa de cada um é definida: coletar disciplina por disciplina, o máximo de informação para descrever e compreender a estrutura das unidades ecológicas e apreender as modalidades de exploração humana a que estão sujeitas.

A logística parece eficaz: um barco, três botes a motor e algumas horas de avião para reconhecimento. No dia 19 de agosto, o sobrevôo pôde ser efetuado. Parece, aliás, que tanto nos desertos como dentro desse oceano de vegetação, a navegação aérea visual é delicada, dada à ausência de relevo para constituir bons pontos de referência. Já as imagens de satélite, ao contrário, revelaram-se de uma impressionante precisão desde a primeira saída.

O inventário das unidades ecológicas agora se afina, porém, a estrutura regional conserva seu mistério. A única certeza que se impõe, é a diversidade de formações vegetais presentes. A gama

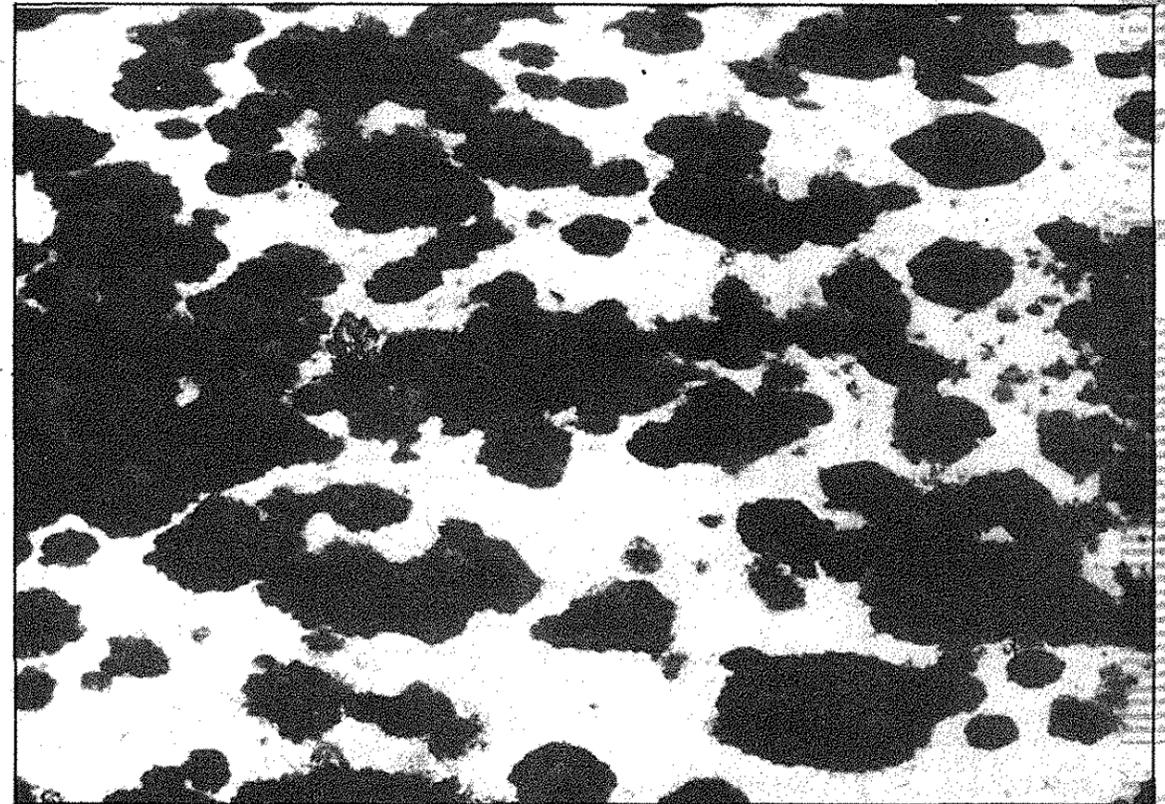
é quase completa, do solo nu à floresta alta e densa. A diversidade de vegetais reflete a complexidade do meio.

No dia 20 de agosto, começamos a subir o Demene. Longa divagação entre as duas telas verdes que constituem as orlas de floresta de igapó. O número de espécies por quilômetro quadrado de floresta amazônica pode alcançar e ultrapassar o observado em um mês e milhares de quilômetros de missão em zona desértica!

O dia 21 de agosto é consagrado à exploração do igarapé Tuiuí. A meta é ascender aos campos inundados, que ocupam o divisor de águas do rio Demene e do rio Xeruíni. A floresta de igapó associada ao Demene, dá lugar, progressiva mas rapidamente, a uma formação vegetal mais clara e mais baixa. O canal se fecha, o avanço se faz difícil por entre os ramos e galhos intrincados, que conferem à paisagem um aspecto bizarro e sinistro de um falso mangue.

Jean-François Duranton, ecobotânico francês, integrou a Expedição Demene a convite da Embrapa, que mantém acordo de cooperação com a França.

AGÊNCIA ESTADO



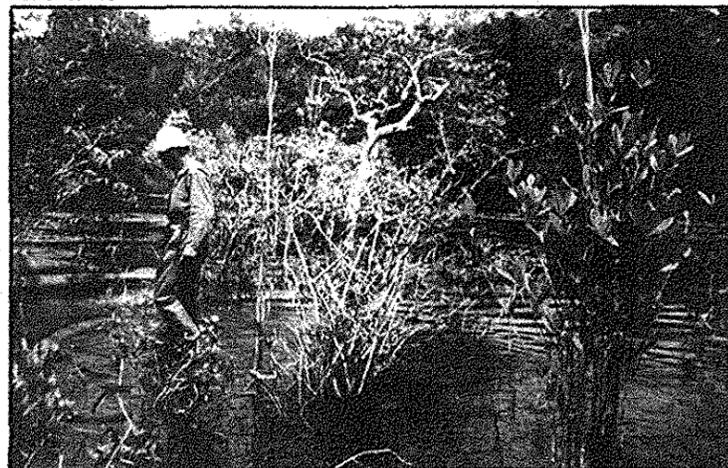
A vegetação arbustiva e bancos de areia no Baixo Cuieiras foram estudados durante a expedição

## As pastagens do peixe-boi

Uma segunda tentativa de penetração nos faz desembocar sobre um vasto lago de nanquim, de onde emergem apenas amplos espinheiros de dez metros de altura. São, de fato, as copas de árvores submersas por quatro a cinco metros. O mateiro destaca que dentro de alguns meses (na estação seca) o pseudomangue se transformará em uma pradaria de ciperáceas (plantas de folhas duras e cortantes). Até lá, a área servirá de pastagem para os peixes-boi.

Os dias 22 e 23 de agosto permitem explorar o rio Cuieiras. Então começa a desfilar toda uma gama de formações vegetais naturais incongruentes com as latitudes equatoriais onde a pluviosidade anual é de ordem de dois a cinco mil milímetros. A floresta dá lugar a pradarias arbustivas aquáticas ou subaquáticas: dunas de areia branca (pura sílica), matos ou forragei-

AGÊNCIA ESTADO



O cientista Duranton verifica os alagados dos igarapés

ras de folhas largas e coriáceas, onde a fitomassa mal ultrapassa algumas toneladas de matéria seca por hectares. Aridez e acidez dos solos parecem responsáveis por estas paisagens intermediárias entre dunas marinhas tropicais e campos bretões, com espécies semelhantes às que formam a Floresta de Fontainebleau.

A prospecção dos maciços re-

siduais reforça a impressão de caleidoscópio vegetal. Saímos do igapó, atravessamos um cordão de floresta de terra firme, alta e densa, percorremos lajedos rochosos entremeados de charcos com gramíneas, antes de começar a escalar as rochas. Onde a água escorre pelo lajedo, a rocha está coberta por um lençolde algas e de utriculárias (minúsculas plantas carnívoras).

## Flora reage aos contrastes biológicos

Outras encostas rochosas são colonizadas por campos de veloziaças ou por pradarias. O cume e certas encostas são cobertos por uma floresta clara onde os traços de grandes mamíferos não são raros (antas, veados...). Tal diversidade fisionômica mostra como a flora reage aos contrastes ecológicos.

No dia 24 de agosto, algumas prospecções complementares são efetuadas no Baixo Cuieiras. O mosaico colorido da imagem de satélite se torna dia a dia menos hermético. Nas áreas prospectadas, cada tom de cor agora se reveste de um significado. A precisão da imagem ajuda, de forma fabulosa, a interpretar a disposição espacial dos elementos que compõem a paisagem. O quebra-cabeça ecológico se organiza, porém é ainda mais complexo do que prevíamos. Convém, então, integrar a herança do passado geológico, morfológico e paleoclimático para compreender a evolução dos solos e da dinâmica das águas. Os ciclos sucessivos de erosão e de sedimentação se inscrevem na paisagem. Deserto

africano, meio amazônico, a natureza resta como um livro aberto, ainda falta saber ler.

No dia 25 de agosto, efetua-se uma tentativa de atingir a bacia do rio Xeruíni à montante da Lagoa das Onças. Reencontramos as formações de pseudo mangue e as águas negras e, ali também, nosso avanço é interrompido em razão da densidade da vegetação e da presença de ninhos de cabas — espécie de vespa de picadas dolorosas. Apesar de não termos atravessado, nos parece que as bacias do Demene e do Xeruíni comunicam-se durante os períodos de cheia, o que significa um belo exemplo anastomose da rede hidrográfica.

A tarde é parcialmente consagrada à visita ao posto indígena (ianomâmis) de Ajuricaba. Dois universos se aproximam sem se tocar: o do homem, parte integrante da natureza, e o universo da cultura ocidental para o qual a natureza hostil deve ser dominada e explorada, sob o risco de ser destruída.

Nos dias 26 e 27 de agosto, a

missão chega ao fim, com a longa descida do rio Demene. Nos dias 28, 29 e 30 de agosto, rápida incursão pelo rio Branco e curso inferior do Xeruíni. Depois, a descida do rio Negro até Manaus. A presença humana se faz sentir progressivamente e em numerosos locais, a floresta deu lugar aos campos. A vegetação secundária forma uma série evolutiva de reconstituição, o que se observa facilmente nas margens do rio. Desde logo, a originalidade do Demene torna-se mais perceptível.

As impressões, as emoções do dia-a-dia devem agora ser corrigidas, ponderadas, relativizadas, hierarquizadas e confrontadas com a literatura, a fim de se fazer um balanço da expedição. Desde já parece claro, porém, que diante de um ambiente assim complexo, o zoneamento ecológico é uma abordagem indispensável para um manejo racional e harmonioso destes territórios. É preciso não esquecer que se nós não comandamos a natureza, mas a obedecemos (\*\*), ainda falta conhecer as leis...